

Casa de vó

Mariana Macedo, Vitoria Ajukas e Julia Deccó

Orientação: Prof. Dr. Gilberto Mariotti, Profa. Ms. Joana Barossi e Luciana Ligeiro.

Pesquisa: Trabalho da disciplina Meios de Expressão e Representação, Escola da Cidade, 2023.

Este ensaio foi produzido durante o primeiro semestre de 2023 na disciplina Meios de Expressão e Representação ministrada pelos professores Gilberto Mariotti, Joana Barossi e Luciana Ligeiro. A proposta do trabalho foi descrever um espaço ficcional utilizando a escrita e a fotografia. A partir de imagens

de arquivos familiares de uma das integrantes do grupo, decidimos fazer o ensaio sobre a casa de vó. Nossa intenção foi descrever o espaço para além do construído, pensando questões relacionadas ao imaginário, ao sensorial e à memória, abarcando temas como luto, gênero e classe social.

Grandma's house

This essay was produced during the first semester of 2023 for the subject Means of Expression and Representation taught by professors Gilberto Mariotti, Joana Barossi, and Luciana Ligeiro. The purpose of the work was to describe a fictional space using writing and photography. Utilizing images from family archives of one of the group members, we decide to write the essay about grandma's house. Our intention was to describe the space beyond its physical structure, delving into issues related to the imaginary, the sensorial, and the memory, covering themes such as mourning, gender, and social class.

Casa de la abuela

Este ensayo fue producido durante el primer semestre de 2023 para la asignatura Medios de Expresión y Representación impartida por los profesores Gilberto Mariotti, Joana Barossi y Luciana Ligeiro. El propósito del trabajo fue describir un espacio ficticio utilizando la escritura y la fotografía. Utilizando imágenes de los archivos familiares de uno de los miembros del grupo, decidimos escribir el ensayo sobre la casa de la abuela. Nuestra intención fue describir el espacio más allá de su estructura física, adentrándonos en temas relacionados con lo imaginario, lo sensorial y la memoria, abarcando temas como el duelo, el género y la clase social.

Ato I

Sempre achei a sala da sua casa um espaço muito peculiar. A escada com os degraus de mármore preto, o corrimão de madeira e o guarda corpo de ferro formando um desenho extremamente simétrico que seria muito possível de ser visto em uma área externa, misturado com o chão de taco e tapetes com grafismos turcos. Os sofás de couro falso meio plastificado na cor creme, o conjunto de móveis de madeira envernizada contendo todos os equipamentos eletrônicos da época: TV de tubo, vitrola, tocador de fita cassete. Demonstrando uma variedade de estilos e de vontades bem típicos dos meus avós. Pessoas extremamente distintas, mas intensamente vinculadas, que fizeram dar certo apesar de não terem tido nada de mão beijada.

Eu amava esse vestido, porém tinha muita dificuldade de me amar, sempre via defeito: as bochechas muito redondas, as pernas muito grossas, os braços muito gordos. Nesse dia minha vó pediu para eu posar em frente à escada. Ela pegou a câmera e tirou uma foto com um flash tão forte que até hoje lembro do clarão. Não sabia o que era ser mulher, mas aí já me chamavam de "mocinha". Nunca superei sua partida e acho que por isso ainda sinto dificuldade de amar.

Conheci minha mãe por dois anos, depois ela foi embora pra Bahia, meus avós que me criaram. A minha irmã é dois anos mais nova que eu, ela não mora com a gente.



Ato II

Esse dia foi um sol danado, lembro das férias de janeiro e de passar a tarde brincando na laje. A laje é o quintal da casa, a área aberta que mais bate sol e que tem vista para o resto do bairro. O muro é baixo, dá pra se sentar, conversar com o vizinho do lado direito, que também tem uma laje.

Foi nessa época que aprendi que a teimosia tem força, pois ela nos fez chegar à mureta, que divide a casa com a do vizinho. Essa foto simboliza o despertar de uma característica que talvez carregue até hoje. Ficamos horas, eu e o João, pedindo para nos colocarem lá, nos vestimos igual como forma de apelação. Traçamos linhas de argumentação, tudo para sentirmos a adrenalina de estar na mureta. Faria de tudo de novo pra voltar. Como é bom ser criança, não ter responsabilidades, não ter travas ou traumas, não conhecer a morte... Que saudades de você.

Apesar de a laje ser esse grande quadrado de concreto, é o lugar da casa que eu mais ficava, gostava de tomar banho de mangueira, brincar com os meus primos, tomar sol. Para chegar nela tem que subir alguns degraus meio duvidosos, é um pouco mais alta que o andar da sala e isso faz com que seja possível falar com quem está dentro da casa por uma janela.

Essa foto me remete a um tempo mais leve, de não saudade. Um tempo de outros tempos, de alergias pelo carpete, pelo cachorro, pelo pó na cortina que você insistia em usar –hoje controversamente a sala está mais clara, com a luz que entra direto e bate no chão de taco que já já vai embora também. Muita coisa mudou, até o João mudou, duvido que ele arriscaria subir nessa mureta hoje se ela ainda existisse, se não tivessem construído um muro alto, enorme, que tirou o sol da laje pelas tardes, que tirou a possibilidade de ouvir a fofoca do vizinho, que tirou essa lembrança que agora precisa mais do que nunca desta foto para que fique em minha memória. Ando muito apegada às fotos de família desde que você se foi, assim como o muro que tirou o sol, sua partida deixou nossos dias mais nublados.



Ato III

Nesse dia está um sol danado, lembro das férias de janeiro e de passar a tarde brincando na laje. O vovô está com a gente brincando de pega-pega. Aqui, como diz minha vó, ele é jovem há mais tempo, tem por volta de 60 e poucos anos. Seu Zé sempre foi muito magrelo, quando era novo jogava futebol todos os dias e tinha a canela tão fina que chamavam ele de Piteira.

Que tempo é esse entre o que foi e o que virá? Presente. É difícil assimilar o presente sem sua presença, você sempre foi parte dele e de repente não é mais. Difícil entender que tudo vai, e normalmente não volta. A casa é a mesma, o portão de aço pintado de marrom, o chão de caco amarelo nas áreas externas, o mesmo sofá, mas com outro forro, que agora é cinza, a cozinha ainda é azul e ela se mantém iluminada por aquela luz branca que eu odeio, a escada ainda é de mármore preta.

Os vizinhos não são mais os mesmos, os novos subiram um muro que tampou a vista do lado direito, agora só dá pra ver pra frente. Parece que é uma lição pra gente, ver a frente. O luto é um processo estranho, quando parece que a gente superou bate uma saudade, um aperto, só nos basta extravasar pelos olhos o que o coração sente.

O que nos resta são as fotos, e ainda bem que as tenho, pois me fazem lembrar da sua essência, mais do que da sua doença. Eu ainda revisito os filmes que você me indicou, hoje entendo melhor o seu gosto por eles. Agora compreendo por que você nunca se casou, é difícil se relacionar com outras pessoas, principalmente com os homens. Vira e mexe me pego relembando e revivendo momentos de infância em que escrevia de canetas coloridas no rodapé branco do chão, das tantas vezes que coloquei as bonecas penduradas no corrimão branco-metálico. Ou então de apoiar o pequeno colchonete no topo da escada, dar um impulso e escorregar até o nível do chão. Lembrar desse lugar me faz ver o vazio, o não lugar que sua falta faz. O corrimão, o mármore da escada, a laje, a cozinha com ladrilhos estampados, o muro deixou de existir. Não consigo mais ver o chão de madeira escura, os móveis antigos. Não consigo mais ver você.



CRÉDITOS

Imagens de acervo pessoal

SOBRE AS AUTORAS

Julia Deccó, atualmente no 5º ano em arquitetura e urbanismo pela Escola da Cidade. Durante esse período teve a oportunidade de atuar em áreas diversas como audiovisual e legislação urbanística e expandir seus interesses na fotografia urbana e na leitura e observação dos espaços públicos a partir de estudos do cotidiano.

juliaddecco@gmail.com

Mariana Macedo, estudante de arquitetura e urbanismo na Escola da Cidade, tem uma atuação abrangente que inclui artes visuais e arquitetura. Seu interesse pelo cinema a influenciou desde o início, e São Paulo, sua cidade natal, é uma fonte constante de inspiração. Ela utiliza fotografia, audiovisual e escrita em suas pesquisas, explorando questões humanas como cotidiano, memória, sonhos e afetos.

macedomariana5@gmail.com

Vitoria Ajukas, estudante de Arquitetura e Urbanismo na Escola da Cidade, tem seus interesses voltados para o campo da geografia. Com foco em estudos urbanos, direito urbanístico e psicogeografia, ela dedica-se tanto a análises pessoais quanto a questões legislativas, enquanto trabalha dentro da prefeitura de São Paulo.

vitoria.ajukas@gmail.com